AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PARTICIPANTES DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NAS MÍDIAS DIGITAIS[1]

Lucas Sant'Ana Nunes[2]

Resumo

O presente estudo tem como objetivo realizar uma análise sobre as representações sociais dos participantes nas manifestações e movimentos sociais que ocorreram em diversas cidades brasileiras em junho de 2013. Utilizando o conceito de representação social de Moscovici, pretende-se descortinar como os participantes de tais movimentos foram representados nas mídias digitais, realizando uma análise de conteúdo a partir de um portal de notícias de grande circulação na Internet, a Folha de São Paulo, além de analisar os comentários dos internautas sobre as notícias logo após a narração jornalística dos fatos. A partir desta análise pretende-se verificar quais construções simbólicas estão inseridas neste contexto, identificando como se operam os processos de produção de sentido, bem como analisar como o imaginário social é influenciado por tais concepções. O debate se torna relevante e atual pois as mídias digitais se configuram como meios de comunicação pelos quais as formas simbólicas e representações sociais são apresentadas à sociedade e aos indivíduos que a compõem, fornecendo os quadros de referência para que baseiem suas próprias vidas, comportamentos eopiniões.

Palavras-chave: Manifestações; Junho de 2013; Representação Social.

Abstract

This study aims to conduct an analysis of the social representations of the participants in the manifestations and social movements that have occurred in several Brazilian cities in June 2013. Using the concept of social representation of Moscovici, it is intented to uncover how the participants of such movements were represented in digital media, performing a content analysis from a large portal through the Internet news, Folha de São Paulo, and reviewing comments from netizens on the news after the news narration of facts. This analysis aims to verify which symbolic constructions are inserted in this context, identifying how they operate the meaning production processes, and analyze how the social imaginary is influenced by such conceptions. The debate is relevant and current because digital media is configured as media through which symbolic forms and social representations are presented to society and the individuals who compose it, providing frameworks to base their own lives, behavior and opinions.

Key words: Manifestations; June 2013; Social Representation.

Introdução

Um dos fatos mais marcantes do ano de 2013, as manifestações ocorridas em junho daquele ano nas cidades brasileiras, se revelaram como um importante capítulo dos movimentos sociais brasileiros, contando com a participação de diversas parcelas da

[1] - Trabalho baseado no que foi apresentado no III Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para la integración de la América Latina y el Caribe, 2015, Goiânia.

[2] - Mestre em Comunicação Midiática e Graduado em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

sociedade e exigindo melhores condições de vida. Entre as pautas reivindicadas, várias questões foram levantadas como o transporte público, que foi o estopim para os primeiros atos de protestos na cidade de São Paulo, bem como a educação, saúde, segurança e a corrupção que assola os órgãos públicos. Talvez por esta polifonia de pautas e reivindicações, os protestos brasileiros se revelaram muito complexos do ponto de vista ideológico, já que muitas bandeiras foram levantadas e a diversidade de opiniões sobre as mazelas da sociedade brasileira se apresentou em grandesproporções.

Tal complexidade demonstra a difícil tarefa que é analisar o desenvolvimento destes movimentos sociais e seus impactos e desdobramentos para a vida cotidiana. Muitos pesquisadores se empenham em verificar quais fenômenos sociais estão envolvidos em todas estas questões, mas parece que o papel da mídia na reprodução e legitimação de representações sociais acerca dos manifestantes ainda foi pouco estudado. Dessa forma, este estudo pretende verificar como os processos de produção de sentido e de construção simbólica foram responsáveis por representar tais manifestações nos meios de comunicação, bem como analisar o papel da mídia no direcionamento e desenvolvimento das manifestações e pautas reivindicadas, além de descortinar quais foram os impactos destas representações para os receptores de tais mensagens.

Dessa forma, utilizando o conceito de representação social de Serge Moscovici, pretende-se analisar a representação dos participantes dos movimentos sociais sob o olhar das mídias digitais, mais especificamente a partir de um portal de notícias de prestígio no Brasil, a Folha de S. Paulo, além de analisar os comentários dos internautas sobre as notícias logo após a narração jornalística dos fatos.

Teoria das representações sociais de Serge Moscovici e a comunicação midiática

Primeiramente, é necessário conceituar corretamente a teoria das Representações Sociais desenvolvida pelo psicólogo social romeno naturalizado francês Serge Moscovici. Moscovici, através da atualização do conceito de Representação Coletiva de Émile Durkheim, realizou seus estudos sobre como a psicanálise era representada socialmente e percebida pela população parisiense, o que trouxe contribuições acadêmicas preciosas para o que mais tarde se tornou a teoria das Representações Sociais, uma escola que congregou diversos autores e pesquisadores.

Ao analisar a origem etimológica da palavra, seu termo correspondente em latim remete a 'representare', que significa 'fazer presente' ou 'apresentar de novo'. Ou seja, para que algo possa ser representado, para que possamos fazer presente aquilo que está ausente, é necessário o intermédio da representação.

As Representações Sociais, portanto, estão sempre ligadas a um sujeito ou objeto que é representado através de formas simbólicas:

> uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante. (MOSCOVICI, S. 2007. P.207)

As Representações Sociais, portanto, se referem à tudo aquilo que carrega a possibilidade de explicar a realidade aos indivíduos, fazendo com que as identidades possam ser construídas com base nestas representações, situando os grupos na sociedade. Em outras palavras, as Representações Sociais possuem uma função fundamental de guiar a auto-imagem e a visão social de grupos sociais e indivíduos. A partir desta perspectiva, os indivíduos passam a obter os quadros de referência para basear suas opiniões e comportamentos, sabendo quais práticas são aceitas socialmente. Contudo,

como parte do mesmo fenômeno, as representações sociais também carregam a possibilidade de alargar esteriotipias e discriminações, já que são processos negociados pela sociedade.

No contexto da representação, Moscovici aponta dois processos importantes que são responsáveis por embasar cognitivamente tais construções simbólicas: a ancoragem e a objetivação. Através da ancoragem, os indivíduos podem classificar, organizar, encontrar um lugar e nomear àquilo que não é familiar ao indivíduo. Dessa forma, a ancoragem se constitui no processo de representar aquilo que não é familiar em um primeiro momento, tornando-o familiar em um segundo momento a partir de representações que já existem no universo simbólico do indivíduo. Já o processo de objetivação transforma algo abstrato em algo que exista no mundo físico, ou seja, torna presente aquilo que está ausente.

A partir desta perspectiva, a realidade social passa a ser explicada aos indivíduos de maneira que sua bagagem cultural, seus códigos, símbolos, valores e comportamentos estão intimamente associados às vinculações sociais nas representações, bem como nos processos comunicativos. Em outras palavras, a representação social é tudo aquilo que dá sentido aos eventos cotidianos e práticas sociais. Partindo do pressuposto que os comportamentos são formados a partir de elaborações cognitivas e simbólicas, as representações sociais assumem importância crucial, juntamente com o processos comunicativos que permeiam as relações sociais.

As representações sociais, portanto, são formas simbólicas que mediam o sistema de classificações do ser humano, ligando o conhecimento científico ao senso comum. Nestes processos de elaboração e reprodução de representações sociais, os indivíduos assumem um papel ativo e consciente:

> É precisamente a pluralidade objetiva da vida social que constrói a rede intersubjetiva que constitui a realidade de um tempo e lugar histórico. É na relação triádica entre sujeito-objeto-sujeito que encontraremos tanto a possibilidade da construção simbólica como os limites dessa construção. Porque a cada sujeito que investe o objeto com sentidos a partir do seu lugar particular no tempo e no espaço, compete reconhecer as construções de *outros* sujeitos que também ocupam posições particulares no tempo e no espaço. A significação, portanto, é um ato que tem lugar (e só pode ocorrer) numa rede intersubjetiva, entendida como uma estrutura de relações sociais e institucionais dentro de um processo histórico. (JOVCHELOVITCH, S. 2002, p. 78)

Portanto, o senso comum e os processos comunicativos entre os indivíduos assumem um papel central na consolidação de representações sociais. O ser humano está a todo momento analisando, comentando, formulando, reiterando, legitimando ou até mesmo negando representações sociais:

> Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc. as pessoas analisam, comentam, formulam "filosofias" espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o "alimento para o pensamento". (MOSCOVICI, S. 2007. P.45)

Quando analisa-se a chamada "Grande Mídia", formada pelos meios de comunicação tradicionais – TV, rádio, jornais e revistas – e as novas mídias digitais, verifica-se que ambos possuem um papel fundamental na sociedade, pois reproduzem e legitimam uma série de representações sociais, o que certamente traz desdobramentos para os grupos e indivíduos, já que permitem que eles possam se situar no convívio social. A Comunicação Midiática, portanto, desempenha um papel de destaque na disseminação, fundamentação e legitimação de representações sociais, que servem como quadros de referência para que seus receptores pautem suas opiniões e interações sociais.

Os processos de elaboração e legitimação de representações sociais se tornam particularmente mais evidentes em tempos de crise ou mudanças na sociedade, pois novos cenários requerem um novo quadro de entendimento por parte dos indivíduos, o que por sua vez requer construções simbólicas que dêem conta de explicar a realidade:

> o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, está passando por mudanças. As pessoas estão, então, mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não- familiar e perturbado. (MOSCOVICI, S. 2007. P.91)

Materiais e métodos

Analisando tal quadro, se faz necessário descortinar quais construções simbólicas foram produzidas, ou então reproduzidas, através dos meios de comunicação digitais pois o novo cenário configurado pelos movimentos sociais e manifestações no Brasil introduziu novas representações sociais na vida cotidiana. Para desempenhar tal função, utiliza-se a Análise de Conteúdo como metodologia para sistematizar as temáticas envolvidas nas representações sociais veiculadas pela mídia e na recepção dos internautas, analisando seus comentários. Neste contexto, esta pesquisa analisa os editoriais do portal de notícias virtual da Folha de São Paulo produzidos ao longo do mês de junho de 2013 que tinham como enfoque as manifestações que ocorreram em todo o Brasil neste mês, bem como analisar os comentários dos leitores nestes mesmos editoriais. Para cumprir tal tarefa, foram elaborados tabelas, gráficos e análises que serão explanados a seguir sobre quais eram as representações sociais associadas ao manifestante, além de analisar possíveis causas e consequências sociais para tais representações, inferindo em seu impacto na sociedade.

Resultados e discussões

No início da cobertura da Folha de S. Paulo, a partir do primeiro editorial divulgado sobre as manifestações no dia 13 de junho de 2013, intitulado "Retomar a Paulista", o veículo adota um posicionamento contrário às manifestações, trazendo representações dos manifestantes como baderneiros, vândalos e ligados a um projeto ideológico de esquerda. O portal de notícias se utilizou de uma linguagem que retratava os participantes dos protestos como um grupo insignificante de pessoas, o que, de antemão, mostra o caráter ideológico conservador do veículo e sua tradicional forma de representar os movimentos sociais. A recepção dos internautas e leitores, neste momento, oscilou entre aqueles que aprovam o posicionamento do veículo e utilizam das mesmas construções simbólicas para caracterizar

os manifestantes e aqueles que mostraram uma criticidade maior aos eventos, se posicionando a favor dos protestos e, portanto, contra o viés utilizado pela Folha.

A esteriotipia dos manifestantes foi patente na cobertura realizada pela Folha de S. Paulo. Termos como "universitários", "jovens", "estudantes de humanas", "intelectuais marxistas", "vagabundos", etc. foram utilizados largamente para representar o manifestante, mostrando como se dá a construção do outro na mídia. O manifestante, portanto, foi visto e retratado como pseudorrevolucionário pelo veículo, visão que alguns dos comentaristas compartilham com o jornal.

O portal aponta como solução, a repressão do Estado através das forças policiais e de uma investida truculenta. O jornal exorta a violência e a aplicação da "força da lei" contra os manifestantes. O desenrolar dos fatos, nesse sentido, foi bastante irônico, já que dias após o editorial, jornalistas da Folha foram gravemente feridos pelas mesmas forças policiais das quais esperavam uma solução permanente para o descontentamento da sociedade, fato que compõem um triste capítulo do desenvolvimento das manifestações no país.

No editorial do dia 18 de junho de 2013, intitulado "Protestos e vaias", pode-se observar uma alteração no posicionamento da Folha em relação às manifestações. Se num primeiro momento o veículo se mostrava contrário aos movimentos, dessa vez os artigos assumem um tom mais favorável aos protestos, uma vez que eles passam a se voltar contra o governo federal devido ao emprego de verbas públicas na organização dos eventos esportivos da Copa das Confederações e na preparação da estrutura para a Copa do Mundo de Futebol no ano seguinte. Contudo, essa mudança de discurso é percebida pelos internautas e leitores, que passam a questionar tal posicionamento, acusando a mídia de tentar "sequestrar" as pautas reivindicadas, fazendo com que o rumo dos movimentos fosse alterado e a grande mídia se apropriasse, pouco a pouco, das lutas da população.

Os editoriais, a partir deste ponto, passam a tirar o foco da violência e do vandalismo dos manifestantes, inclusive apontando que os "vândalos" seriam uma parcela diminuta do todo e que, portanto, não representariam o movimento legítimo e pacífico de mudança social que se organizou, direcionando a cobertura para a truculência da repressão policial aos protestos e principalmente para a multiplicidade das bandeiras e objetivos das manifestações. O veículo começa a apontar diversos problemas sociais como sintomas de uma insatisfação geral contra os serviços públicos, a desigualdade social, a corrupção e todas as questões que passam a ser levantadas pelos manifestantes como sendo o ponto forte dos movimentos sociais e ao mesmo tempo o elo fraco que não permite a viabilização de mudanças na sociedade. O enfoque da cobertura se torna a desorganização dos movimentos, bem como em seu apartidarismo e a ausência de líderes que pudessem levar as bandeiras defendidas adiante. A concretização das mudanças propostas, portanto, além de irrealista, seria inviável segundo o veículo. Já na visão dos comentaristas, os movimentos passam a ganhar força e o manifestante passa a ser representado como um indivíduo corajoso, emancipado e capaz de ditar as mudanças na sociedade. Os manifestantes passam a se sentir empoderados à medida que os protestos acontecem.

Alguns pontos na cobertura jornalística da Folha merecem destaque. As manifestações, que em um primeiro momento foram tidas como "irrealistas" e "pseudorrevolucionárias" passaram para "sinais de alerta das ruas" e "pautas legítimas, direitos reivindicados". Pode-se observar que as representações ligadas ao manifestante sofreram um revés, pois o participante dos protestos, no início, era retratado como "vândalo", "arruaceiro" e "badernista", para depois se tornar um cidadão que está

exercendo o direito democrático de tomar as ruas e lutar por melhores condições de vida. Alguns fatos podem indicar o motivo de uma mudança tão expressiva no teor das representações sociais veiculadas, como os jornalistas agredidos pela força policial e a própria repressão truculenta do Estado, que serviram para que houvesse cada vez mais adesão da sociedade aos protestos. Em paralelo, os grandes grupos midiáticos brasileiros, formados por jornais impressos de grande circulação, revistas, emissoras de TV e rádio, se tornaram grandes apoiadores das pautas reivindicadas. Entretanto, foram as mídias digitais, blogs, sites e redes sociais que forneceram uma alternativa à cobertura realizada pelos veículos de comunicação. Além disso, as novas mídias se tornaram canais de debate sobre os acontecimentos, o que possibilitou o questionamento sobre o enquadramento que a grande mídia estava realizando a partir dosacontecimentos.

A seguir, na Tabela 1 e Figura 1, pode-se analisar a frequência de ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos Editorias da Folha de São Paulo durante o mês de junho de 2013.

Tabela 1 – Frequência de Ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos Editorias da Folha de S. Paulo no mês de junho de 2013

Manifestante	**Frequência de ocorrência**
Vândalo, Depredador, Criminoso, Vil, Ignorante, Marginal, Perturbador da ordem	24
Protesto, Mobilização, Movimento	21
Multidão, maioria, representação legítima da população, voz das ruas, opinião pública, reivindicador de direitos	18
Insatisfação, Alta do preço do transporte público	13
Movimento Passe Livre (MPL)	8
Multiplicidade das reivindicações, falta de foco	6
Grupelho, pequeno grupo, facção insignificante	3
Mudança	2
Apartidário	2
Tarifa zero	2
Jovem	2

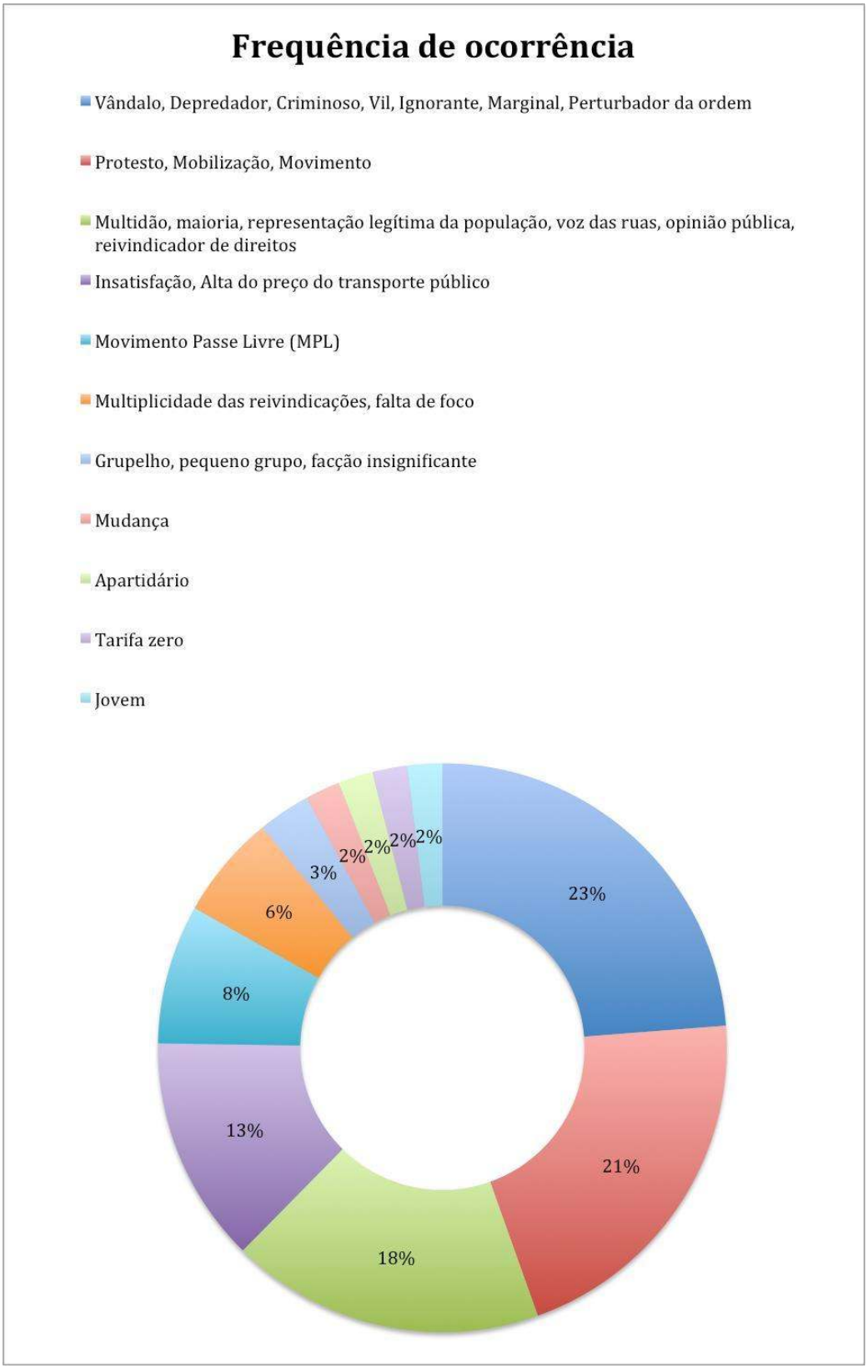


Figura 1 - Frequência de Ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos Editorias da Folha de S. Paulo no mês de junho de 2013

Na tabela e figura anteriores, observa-se, percebe-se a ofensiva da da Folha de S. Paulo no sentido de promover a deslegitimação dos movimentos sociais a partir da reprodução de construções simbólicas que depreciam a imagem do manifestante perante a

sociedade, como por exemplo os termos “vândalo”, “marginal”, “criminoso”, entre outros. Contudo, o veículo muda seu posicionamento com o passar do tempo e passa a utilizar termos como “multidão”, “voz das ruas”, “opinião pública”, etc. para representar os manifestantes em um segundo momento. Tal assertiva parece conveniente à Folha, pois é somente quando um de seus funcionários é agredido pela repressão policial nos protestos, a repórter Giuliana Vallone da TV Folha, atingida no olho por uma bala de borracha no dia 13 de junho de 2013, e que a escala de violência policial cresce e atinge níveis brutais, conduzindo a opinião pública a estar contra tal tipo de reação violenta, que a Folha inicia o processo de legitimação de representações sociais favoráveis aos manifestantes. Aquilo que antes havia sido representado como um “grupelho”, se transforma em uma multidão de trabalhadores e cidadãos exigindo por seus direitos e mudanças estruturais na sociedade. O fato leva a crer que a Folha somente se interessou em legitimar tais movimentos sociais quando seus interesses são colocados em jogo.

Passando para a análise da frequência de ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante presentes nos comentários dos leitores dos Editoriais da Folha, observa-se os resultados a partir da Tabela 2 e da Figura 2, que estão a seguir:

Tabela 2 – Frequência de ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos comentários de leitores dos Editorias da Folha de S. Paulo no mês de junho de 2013

Manifestante	**Frequência de ocorrência**
Baderna, Vandalismo, Arruaça, Violência	17
Movimento Passe Livre (MPL)	5
Mobilização social, movimento social, reivindicação	5
Corajoso	4
Apartidário	2
"Estudantes de humanas", "filinhos de papai", universitários, "Intelectuais marxistas"	3

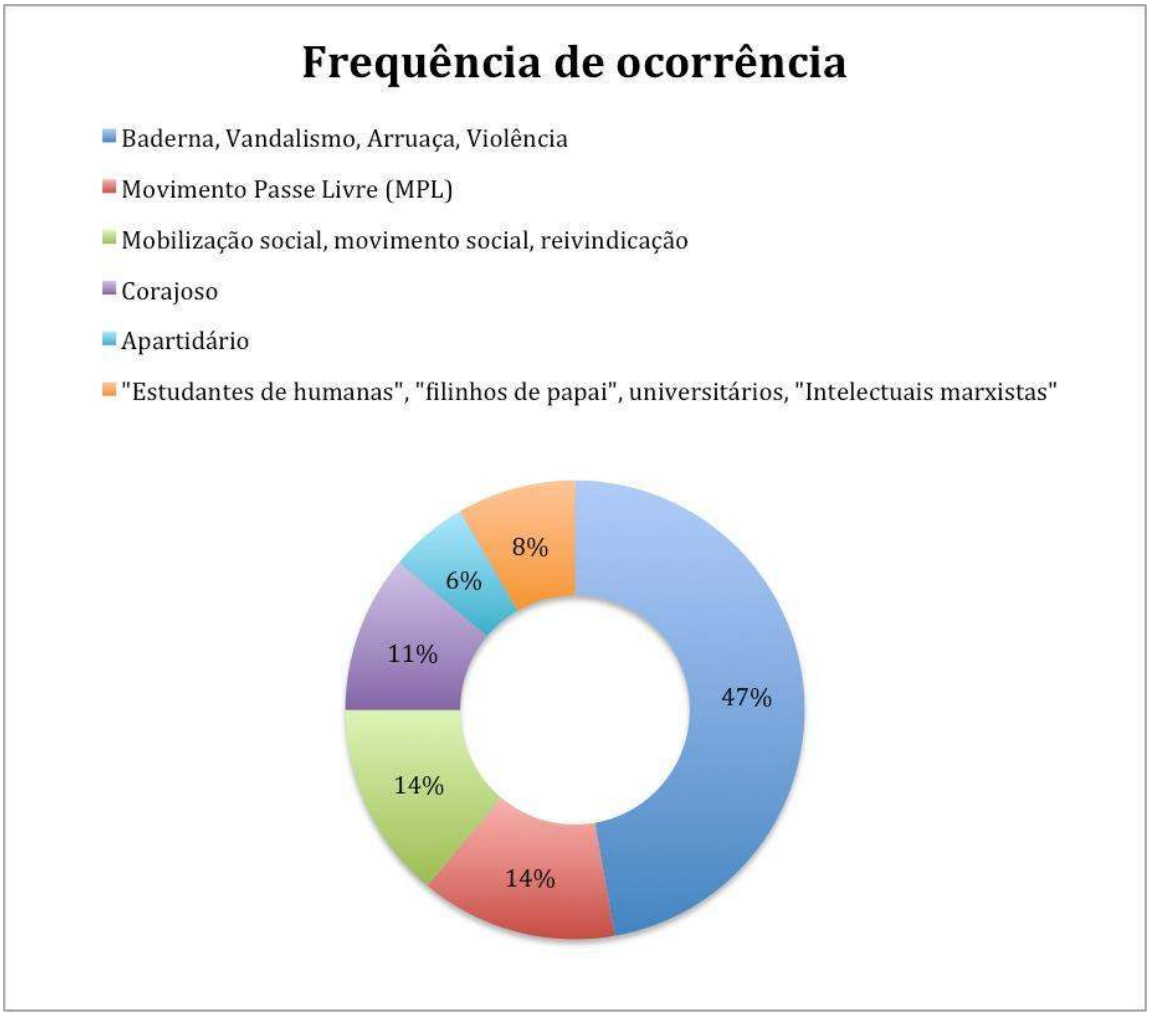


Figura 2 - Frequência de ocorrência de Representações Sociais referentes ao manifestante nos comentários de leitores dos Editorias da Folha de S. Paulo no mês de junho de 2013

A tabela 2 mostra como as representações sociais ligadas ao manifestante se encontram no espectro da não legitimação de suas ações, já que se configuram como termos e expressões associadas a "Baderna", "Vandalismo", "Arruaça", etc. Estereótipos como "estudantes de humanas", "filinhos de papai", "universitários" e "intelectuais marxistas" são frequentes e demonstram a forma reacionária como o manifestante ainda é visto na sociedade.

Em contrapartida, certas construções simbólicas parecem apontar para o contrário, ou seja, no sentido de legitimar os movimentos sociais, associando-o a termos como "corajoso", "reivindicador de direitos" e "representante do povo". Novamente, o MPL também aparece como uma das representações dos movimentos sociais neste contexto.

Considerações finais

Dessa forma, pode-se chegar a algumas conclusões a respeito da análise realizada a partir deste veículo de comunicação. A Comunicação Midiática, seja ela realizada a partir dos meios tradicionais de comunicação, ou então das chamadas "novas mídias digitais", ainda possui um papel fundamental na sociedade no sentido de reproduzir, disseminar, reiterar, legitimar e até mesmo negar representações sociais de acordo com seus próprios

interesses e posicionamentos. A partir da análise realizada, chega-se a conclusão de que as representações sociais ligadas ao manifestante só mudaram de um aspecto negativo para um aspecto positivo a partir do momento em que os interesses do veículo estavam em jogo.

Tal fato mostra as contradições presentes nos atuais conglomerados midiáticos brasileiros, aspecto que é preocupante do ponto de vista democrático, já que o manifestante vem sendo representado de maneira leviana. Dessa forma, pode-se entender essa tentativa dos veículos de comunicação que ainda possuem grande prestígio perante o público brasileiro, como uma tentativa de criminalizar os movimentos sociais ou então legitimá-los – somente quando lhes convém.

Essa discussão assume uma grande importância para o convívio social, uma vez que os processos de representação social embasam a construção de identidades de grupos sociais e indivíduos. Ou seja, as representações sociais servem para construir e legitimar a localização de certos grupos na sociedade, o que traz desdobramentos para todas as esferas da vida, já que permitem guiar opiniões e comportamentos das pessoas acerca destes grupos.

Para finalizar, fica o questionamento acerca da maneira reacionária como o manifestante brasileiro e os movimentos sociais são representados no Brasil. É preocupante viver em uma sociedade onde sair às ruas e exigir por direitos e condições dignas – e mínimas – de sobrevivência são considerados sinais de criminalidade e arruaça. Talvez seja o momento de se discutir, não apenas academicamente, mas principalmente em âmbito político e social, como os movimentos sociais, a participação popular e a militância democrática são representados na sociedade, pois se a população e os meios de comunicação buscam realmente a justiça e o bem estar social, devem começar por repensar os processos simbólicos e culturais que refletem seu próprio conservadorismo.

Referências

JOVCHELOVITCH, S. Re(des)cobrindo o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In Arruda, A. (Org.). **Representando a alteridade.** (69-82) Petrópolis: Vozes. 2002. p.69-82.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.